



“Não Vejo Sinal de Morte”

JOHN FORBIS

A história da engenhosidade de um marinheiro desesperado e de uma mãe corajosa e cheia de fé. Um drama da vida real

O JANICE MAREE, com os seus seis metros de comprimento, era um graveto na correnteza. Impelido pelo vento sudoeste, arrastava a âncora inútil, como um cavalo em disparada arrastando os arreios.

Morehu Richard Hale, de 53 anos, lutava e usava todos os truques que aprendera em seus anos de pescador na Nova Zelândia para mantê-lo na direção do vento. As

ondas eram maiores que edifícios. Se o *Janice Maree* afundasse num mar dêsses, mais tarde haveriam de recolher os ossos dêle em qualquer ponto perto do Taiti.

O mar estivera calmo na sexta-feira, 17 de outubro de 1969, quando Morehu — seu nome em maori, que significava, por ironia, «sobrevivente» — partiu da sua base na Baía Kennedy. Quando raiou o dia de domingo, porém, o vento

havia aumentado. Os picos dos Montes Coromandel ostentavam cachecóis esfarrapados de nuvens. Rajadas irregulares rasgavam a água. Com mais de 300 quilos de peixe no barco, Morehu resolveu voltar.

Acionou o arranque do *Janice Maree*. O motor pegou, mas, enquanto êle recolhia a âncora, morreu inesperadamente. Havia algo de errado. Estava sem compressão. Um instinto pelas coisas mecânicas levou-o à corrente de distribuição, que estava quebrada. A despeito do jôgo e do balanço cada vez mais fortes no pequeno barco, êle conseguiu improvisar uma ligação unindo a corrente danificada com um prego vergado.

Da segunda vez em que apertou o arranque, o motor pegou, e trabalhou normalmente durante cêrca de 10 minutos. Então êle ouviu o ruído que temia — o ratar do motor morrendo. Agora, enquanto se aprumava para enfrentar a violência do mar e lutava para retirar a tampa do motor, nem tôda a engenhosidade do mundo daria jeito. Suas mãos seguravam um eixo partido.

Era agora meio-dia, e um vento que poderia durar uma semana impelia-o diretamente para as Ilhas da Sociedade, através de 3.000 quilômetros de um mar de espuma. As ondas elevavam-se acima do *Janice Maree*. O barco subia, vibrando, até à crista de uma onda, e depois mergulhava 20 metros até à cava. Tudo o que havia na castigada embarcação — roupas, mantas,

mantimentos — estava encharcado. O transistor estava em pedaços; a maior parte do seu equipamento de pesca caíra na água.

Machucado e tonto como um boxeador derrotado, Morehu agarra-se teimosamente, esforçando-se para manter a sua frágil embarcação na direção do vento, baldear a água e evitar que o resto dos seus bens fôsse levado pelo mar. Pelo menos, assegurava-se a si mesmo, tinha peixe a bordo. Mesmo sem água potável, um náufrago sobreviveria comendo peixe cru.

Na manhã de segunda-feira, porém, o mar levou-lhe até êsse consôlo. Uma onda bateu no *Janice Maree*, a boreste, e virou-o. Morehu agarrou-se ao barco até que êste se aprumou, mas a carga de peixe e a maior parte do seu equipamento haviam desaparecido no mar.

Durou nove dias a tormenta que varreu o *Janice Maree* através do Pacífico Sul. Na manhã do décimo dia, Morehu acordou, espantado de que tivesse realmente dormido. Era o seu primeiro sono desde o comêço da tempestade. O sol brilhava, o mar estava calmo. Mas a situação de Morehu era desoladora. A essa altura, mantimentos e água potável haviam desaparecido. Restavam apenas algumas peças de equipamento: uma chaleira amassada, uma bóia de metal, um saco plástico, algumas latas vazias. Morehu estava arranhado, faminto e exausto.

Numa situação que teria levado a maioria dos homens ao pânico ou ao desespêro, Morehu Hale

conservou estóicamente o controle dos seus sentidos e das suas faculdades. O problema da sobrevivência era agora maior, embora houvesse o temporal. A vida fôra reduzida aos seus três elementos básicos: água, alimento e abrigo. A luta seria permanente, hora a hora e dia a dia, até que aparecesse o socorro, vindo do mar ou do céu.

O que Morehu ignorava era que fôra suspensa a busca empreendida pela Real Fôrça Aérea da Nova Zelândia. Ao ver que êle não voltava, sua mãe, Riria Hale, uma velhinha, comunicara o desaparecimento, e a Fôrça Aérea iniciara a busca imediatamente. Havia sobrevoado quase 35.000 km² de oceano, e nada encontraram. Agora, o caso estava encerrado. Apenas uma pessoa ainda acreditava que êle estivesse vivo — Riria Hale.

Quando se ordenou a suspensão da busca aérea, Riria Hale, profundamente religiosa, sabia que o homem havia feito o possível. O futuro do filho estava agora nas mãos de Deus. Uma parte da sua cultura consistia na velha tradição maori de oferecer preces ao nascer e ao pôr do Sol; e, assim, cada novo dia viria encontrar a altiva velhinha, de cabelos grisalhos, no embarcadouro, onde as suas preces pela salvação do filho uniam-se aos primeiros raios de sol da manhã. Todas as noites, também, ela fazia a peregrinação até ao cais, e rezava para que Deus desse a Morehu fôrças para vencer e voltar. «Eu sei que êle está vivo», dizia ela,

«porque não vejo sinal de morte.»

Lá longe, no Pacífico, Morehu lutava para manter o *Janice Maree* à tona. O barco fazia água, mas êle evitava o seu afundamento baldeando mais ou menos de três em três horas. Com extraordinária engenhosidade, improvisou um fogão com a velha chaleira, converteu em panela a bóia de metal, do tamanho de um côco, ligou um pedaço de tubo do motor do *Janice Maree* — e fêz uma destilaria de água salgada. Como combustível, usava a gasolina do barco. Acendeu-a fazendo fogo com uma vela de ignição e uma lima de metal. O saco plástico era o seu copo. A instalação produzia três quartos de xícara de água potável por dia.

Embora a luta contra a tempestade houvesse reduzido a fôrça física de Morehu e destruído os seus bens materiais, restava-lhe um conforto do mundo civilizado. Seu relógio ainda estava funcionando, e o calendário indicava-lhe a data, 29 de outubro. Havia 12 dias que êle estava no mar. Seu rumo fôra geralmente para nordeste, e uma remota esperança consistia na possibilidade de avistar uma das pequenas ilhas ou atóis espalhados pelo oceano ao sul de Taiti. O vento, porém, mudara de direção. Agora, ao que parecia, o *Janice Maree* estava sendo levado de volta, rumo à Nova Zelândia. Mas a sua terra deveria estar ainda a mais de 1.500 quilômetros.

Morehu estabeleceu um programa diário, visando a proteger as suas

chances de sobrevivência. As horas do dia eram para dormir abaixo do convés. Se um navio passasse durante o dia, êle seria visto. Quando a água que penetrava no *Janice Maree* subia até à altura do seu peito, acordava-o, e êle esgotava o barco. À noite ficava de vigia, tendo à mão uma tocha improvisada, de gasolina, de modo que nenhum navio pudesse passar na escuridão sem perceber a sua embarcação.

Dia após dia, solitariamente, Morehu Hale observava o mar que o mantinha prisioneiro. Muitas vêzes, ao amanhecer e ao entardecer, a água fervilhava com a atividade frenética de um cardume de atum, os peixes comendo, saltando, brigando e brincando. Por vêzes, deslizavam à sua frente baleias plácidas e serenas. De quando em vez, aproximavam-se tubarões para esfregar as costas no casco do *Janice Maree*. Peixes-voadores saltavam da crista de uma onda para outra.

Morehu precisava desesperadamente de comida. Utilizando os únicos materiais que tinha à mão — três metros de corda e alguns pregos tortos que encontrara no fundo do barco — fabricou um anzol tôsko, com três pontas. Pacientemente, puxava essa linha improvisada por entre os cações que nadavam em volta da embarcação. Com um puxão violento, físgou um cação azul, de 90 centímetros de comprimento. Içou-o para o barco e sentiu o primeiro gôsto de comida em duas semanas — fígado de cação, cozido em água salgada, sôbre um

fogareiro fumacento, de gasolina. A data, em seu relógio-calendário, era agora 8 de novembro. Por entre tempestades e calmarias, êle vagueava havia 19 dias.

Nessa mesma manhã, quando sua mãe, Riria Hale, voltava da vigília no cais, foram ao seu encontro dois dos seus filhos, Tom e Frank, que tinham ido à Baía Kennedy para falar com ela. «Você tem de desistir, mãe», dissera Tom Hale. «Morehu morreu. Dezenove dias é muito tempo. Êle não vai voltar.»

Os olhos da velha faiscaram, indignados. «Pois deixe que todos desistam. Estão todos *errados*. Êle está vivo, lá fora, e eu sei disso. Quando rezo por Morehu, eu o vejo, vivo. Êle está vagueando no seu barco. E até que Deus me envie algum sinal de morte, vou continuar a pedir que lhe dê fôrças para viver.»

Era quase como se as fôrças da Natureza se houvessem abrandado e estivessem devolvendo o pescador ao local onde a tempestade o havia apanhado e carregado para longe. Lenta mas firmemente, o vento suave e as correntes marítimas impeliavam o mutilado *Janice Maree* rumo à costa da Nova Zelândia. Morehu calculava a derivação atirando pedaços de pano arrancados das suas roupas para dentro de água e cronometrando o seu movimento enquanto o barco se afastava. «Se levam dois minutos para percorrer 10 metros», calculava êle sombriamente, «avistarei os Montes Coromandel dentro de três meses e meio.»

Para Morehu, o tempo errava

como o seu barco, monòtonamente, em direção a um horizonte indefinido. Sua rotina variava pouco. À noite, ficava de vigia, estudando a escuridão à procura de luzes em movimento, lendo as estrêlas, observando a dança da fosforescência sôbre a água. A destilaria improvisada exigia atenção constante. Aquêles três quartos de xícara de água potável eram a diferença entre a vida e a morte. Êle tinha um nôvo problema. Estava sem gasolina. Em breve a chaleira-alambique daria seu último suspiro.

Na quarta-feira, 12 de novembro, pouco antes das cinco horas da tarde, o Comandante Charles C. Wright Junior, do transatlântico *Mariposa*, recebeu um chamado do 3.º Oficial James Farrar. «Acho que avistei um barco ao longe, comandante. Não vejo ninguém a bordo. O senhor quer dar uma olhada?»

O pesado *Mariposa* precisava de quase 800 metros para completar uma volta em alto mar. Quando a manobra ia em meio, os tombadilhos do luxuoso transatlântico já estavam apinhados de passageiros e tripulantes. O pequenino ponto que subia e descia no oceano não apresentava sinais de vida, mas o comandante ordenou que o *Mariposa* desse um estrondoso apito.

No interior do *Janice Maree*, o clangor do apito sacudiu Morehu como a trombeta do Anjo Gabriel. Deu um salto, e os seus olhos incrédulos viram aproximar-se a grande massa branca do *Mariposa*, vinda da vastidão do mar deserto.

Pouco depois, o Comandante Wright mandou um rádio para Auckland: «Recolhi Morehu Richard Hale, residente em Coromandel, da lancha *Janice Maree* TA421. Perdido há 24 dias. Exame médico revela estar êle em estado surpreendentemente bom. Favor informar Sr.ª R. T. Hale, de Coromandel (mãe).»

Em terra, uma mãe soube que as suas orações haviam sido atendidas e a sua fé recompensada. «Nunca duvidei que êle voltasse», lembra Riria Hale.

A bordo do *Mariposa*, o 3.º Oficial James Farrar, o primeiro a avistar a pequenina embarcação de Hale, disse: «Eu venho observando o mar há quase 20 anos, e hoje fiquei sabendo por quê. Naquela viagem, descobri o que eu estivera procurando aquêle tempo todo.»

O Comandante Wright, veterano de 38 anos nos mares do Sul do Pacífico, ainda medita sôbre o caso. «É difícil negar a interferência da mão da Providência. Aquêle homem foi colocado em nosso caminho sob condições ideais — mar tranquilo, visibilidade, o fato de ser dia — tudo estava perfeito. Alguns minutos a mais, ou a menos, nós teríamos passado sem o ver.»

E para Morehu o universo adquiriu uma nova dimensão. Diz êle: «Acho que eu jamais soubera o que era a paz. Lá fora, o mar é um milagre vivo, e senti-me parte dêle. Vou tornar a sair assim que arranjar um nôvo barco. Quero estar perto do mar, a fazer parte dêle, porque é a maior criação de Deus.»